

ISSN 0101 - 3325

LETRAS DE HOJE

Nº 104

JUNHO DE 1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras
Centro de Estudos da Língua Portuguesa



LETRAS DE HOJE
 REVISTA TRIMESTRAL
 CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA
 E LETRAS - PUCRS
 CENTRO DE ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Chanceler

Dom Altamiro Rossato

Reitor

Professor irmão Norberto Francisco Rauch

Vice-Reitor

Professor irmão Joaquim Clotet

Pró-Reitor de Administração

Professor Antonio Mario Pascual Bianchi

Pró-Reitor de Graduação

Professor Francisco Alfredo Garcia Jardim

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Professor Monsenhor Urbano Zilles

Pró-Reitor de Extensão Universitária

Professor Gilberto Mucilo de Medeiros

Pró-Reitora de Assuntos Comunitários

Professora Laury Garcia Job

Diretor da Revista

Prof. Ir. Elvo Clemente

Conselho editorial**para assuntos lingüísticos**

Prof. Dr. Augustinho Staub, Prof. Dr. José

Marcelino Poersch, Profª Dra. Leonor Sciliar

Cabral, Profª Dra. Leci Borges Barbisan, Profª

Dra. Feryal Yavas e Prof. Dr. Mehmet Yavas.

Para assuntos interdisciplinares:

Prof. Dr. Ignácio Antonio Neis e Prof. Dr. Mons.

Urbano Zilles.

Para assuntos literários:

Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles, Profª Dra.

Heda Maciel Caminha, Profª Dra. Petrona

Dominguez de Rodrigues Pasquês e Profª

Dra. Regina Zilberman.

Pedidos de assinaturas e permutas devem ser encaminhados para EDIPUCRS.

Assinatura anual:

Brasil R\$ 22,00

Exterior US\$20

Número avulso R\$ 6,00

Formas de pagamento:

Cheque ou vale postal em nome da

Revista para EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

Os artigos para publicação devem ser encaminhados para:

Revista Letras de Hoje
 Pós-Graduação em Lingüística e
 Letras - PUCRS

A/c Prof. Elvo Clemente

Caixa Postal 1429

90619-900 - Porto Alegre - RS

A Revista aceita permutas

On demande l'échange

We ask exchange

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados

Composição:
 SULIANI

Impressão:
 EPECÊ

L 649 LETRAS DE HOJE/ Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras, PUCRS, - n.1 (out. 1967) - , - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1967 -

v.; 22cm

Trimestral

ISSN 0101-3335

1. Lingüística - Periódicos.2. Literatura - Periódicos.

I. PUCRS. Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras.

CDD 405

805

CDU 8(05)

Índices para Catálogo Sistemático
 Lingüística: Periódicos 80(05)
 Literatura: Periódicos 82/89 (05)
 Periódicos: Lingüística (05)80
 Periódicos: L

Letras de Hoje
 estudos e debates de
 assuntos de lingüística,
 literatura e língua
 portuguesa

NÚMERO 104

**Atas do
 SEMINÁRIO DE FONOLOGIA**

18 a 20 de abril de 1995

LEDA BISOL
 Organizadora

PUCRS

SUMÁRIO

Regulação rítmica e atuação do OCP em Tikuna Marília Facó Soares	7
O vocalismo do português do Brasil Dinah Callou, João A. de Moraes, Yonne Leite	27
Acento frasal e processos fonológicos segmentais Maria Bernadete Marques Abaurre	41
O modelo das geometrias de traços e as línguas do tronco Macro-Jê Wilmár R. D'Angelis	51
O papel dos dados-limite na avaliação das análises propostas pela fonologia métrica para o ritmo do japonês Elza Taeko Doi	57
Relações implicacionais na aquisição da fonologia Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena	67
Aspectos lineares e não-lineares de processos fonológicos em línguas indígenas brasileiras Marília Facó Soares	77
Interação entre regras segmentais e prosódicas no Suruwahá Márcia Suzuki	97
O componente nasal das consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné-bissau: um caso de extrassilabidade? Hildo Honório Do Couto	119
Fonologia lexical – modelos e princípios – Seung-Hwa Lee	129
Preservação de estrutura e extraprosodicidade na estrutura silábica do Aguaruna (Jívaro) Angel Corbera Mori	139
Um estudo da epêntese à luz da teoria da sílaba de Junko Itô (1986) Gisela Collischonn	149
O sândi e a ressilabificação Leda Bisol	159
A interpretação de Glides intervocálicos no português Thaís Cristófaró Silva	169

APRESENTAÇÃO

No período de 18 a 20 de abril de 1995 realizou-se um seminário de Fonologia, na PUCRS, com a presença de professores e alunos de cursos de pós-graduação de diferentes universidades do Brasil.

O encontro foi precedido por um curso preparatório, ministrado pelo Professor Joan Mascaró, da Universidade Autônoma de Barcelona, com duração de trinta horas-aula e seguido por um curso do Professor Leo Wetzels, da Universidade de Amsterdam, com a mesma duração. O primeiro introduziu a teoria da otimização e o segundo tratou da teoria da sílaba.

Quatro conferências ilustraram o evento: Morphological solution to the problem of allomorphy, Joan Mascaró (Universidade Autônoma de Barcelona); Em defesa do traço [-sonoro], Leo Wetzels (Universidade de Amsterdam); Regulação rítmica e atuação de OCP em Ticuna, Marília Facó (UFRJ); e O Vocalismo do Português do Brasil, Yonne Leite (UFRJ). Sucederam-se mesas-redondas e comunicações.

Excluídas as duas primeiras conferências, já comprometidas com publicações, os trabalhos recebidos para os Anais formam esse número da revista Letras de Hoje. Apresentam-se na seguinte ordem:

Marília Facó Soares em "Regulação rítmica e atuação do OCP em Ticuna", discute a alternância no plano tonal, em sintonia com os espaços rítmicos criados pela duração, valendo-se do conceito de subespecificação e do Princípio do Contorno Obrigatório.

Yonne Leite apresenta o trabalho realizado com Dinah Callou e João Moraes sobre "O vocalismo do Português do Brasil". Trata-se de uma análise acústica do sistema vocálico, acentuado e não-acentuado, combinada com uma análise sociolinguística quantitativa, cujos resultados permitem interessantes reflexões.

Maria Bernadete Marques Abaurre em "Acento frasal e processos fonológicos segmentais" discute o papel do acento frasal na redução vocálica, detendo-se especialmente no sândi externo.

Wilmar da Rocha D'Angelis em "Contribuição das Línguas Macro-Jê para a discussão do Estatuto do Nó de Modo nas Geometrias de Traços", defende a introdução do nó de modo, como mecanismo formal, na representação arbórea da estrutura interna dos segmentos.

Elza Taeko Doi em "O papel dos dados-limite na avaliação das análises propostas pela fonologia métrica para o ritmo do japonês", detém-se na interpretação de dados representativos do japonês falado por

brasileiros e do português falado por japoneses, para discutir uma das propostas de análise.

Carmem Hernandorena em "Relações implicacionais na aquisição da Fonologia" reinterpreta à luz da Geometria de Traços o processo de desenvolvimento do sistema fonológico em crianças.

Marília Facó Soares em "Aspectos lineares e não-lineares de processos fonológicos em línguas indígenas brasileiras" discute a face linear de certos processos em confronto com os não-lineares.

Marcia Suzuki em "Análise fonológica preliminar da língua Suruwahá" contempla a interação entre regras do nível segmental e do nível prosódico na fonologia dessa língua brasileira.

Hildo Honório do Couto em "O componente nasal das consoantes pré-nasalizadas do crioulo da Guiné-Bissau: um caso de extrametricidade", mostra que o elemento nasal das consoantes pré-nasalizadas do crioulo guineense comporta-se diferentemente das demais línguas africanas do substrato.

Seung-Hwa Lee em "Fonologia Lexical: Modelos e Princípios", apresenta uma breve história da FL e a tendência atual deste modelo; discute interações de princípios com base nos dados do português e problemas de domínios fonológicos.

Angel Corbera Mori em "Preservação de Estrutura e Extraprosodicidade na estrutura silábica de Aguaruna (Jívaro)", defende a forma canônica CVC também em estruturas complexas dessa língua, valendo-se da extraprosodicidade.

Gisela Collischonn em "A epêntese no português: a perspectiva da Fonologia Lexical", examina a relação entre a epêntese e a silabificação no português brasileiro, defendendo a idéia de ser a epêntese um processo lexical.

Leda Bisol em "O sândi e a Ressilabação", analisa os processos de sândi externo no português brasileiro, com fundamentos nas seguintes subteorias: O Princípio do Licenciamento Prosódico, o Princípio da Sonoridade Seqüencial e a regra universal de Apagamento de Elemento Extraviado.

Thais Cristóvão Silva em "A interpretação de glides intervocálicos em português", defende determinada posição silábica para o glide palatal, considerando-o derivado de vogal alta, com argumentos assentados na distribuição desses glides em relação ao acento.

Esses trabalhos representam, pois, o seminário de três dias, momento culminante da jornada de fonologia, realizada em Porto Alegre, que se iniciou no dia cinco de abril com o curso do Professor Joan Mascaró e encerrou-se no dia seis de maio com o curso do Professor Leo Wetzels.

REGULAÇÃO RÍTMICA E ATUAÇÃO DO OCP EM TIKUNA

MARÍLIA FACÓ SOARES
(Museu Nacional/UF RJ)

ABSTRACT

Based on the action of the Obligatory Contour Principle (OCP) in Tikuna, we intend to show how lexical tones and rhythm interact in this language. As far as tone is concerned, evidence for the tonal pre-association in the lexicon and for the non-specification of middle tone is provided. Processes and constraints including tone are also considered. Tonal pre-association in the lexicon and non-specification of middle tone give room to adjacent identities in the tonal tier, which are eliminated under OCP force. Tonal processes caused by OCP and non-specification of middle tone contribute to create an alternation in the tonal tier. This alternation, at its turn, gets into syntonization with basic rhythmic unities created by duration. Constraints and processes in the tonal level take part in the construction of rhythm in Tikuna. We conclude that this participation allows that pitch, associated to duration, be seen as having an accentual use in Tikuna.

A língua Tikuna é considerada tonal e isolada. Seus falantes, cujo número se situa em torno dos 20.000 indivíduos, se distribuem por três países (Brasil, Peru e Colômbia), sendo que a maior parte da população Tikuna vive no Brasil, habitando, de forma espalhada, uma extensa área do Alto Solimões.

O meu objetivo principal, nesta apresentação sobre a língua Tikuna, é mostrar como o Princípio do Contorno Obrigatório (conhecido como PCO ou OCP) toma parte na interação existente entre ritmo e tons lexicais. Relacionado a esse objetivo, estará o fornecimento, para a língua em questão, de evidências em favor da não-especificação do tom médio e em favor de uma concepção estendida do OCP, pela qual esse último, sem estar restrito às representações lexicais e atuando no curso da derivação, pode ser visto como uma força motriz que exerce pressão sobre regras fonológicas.¹

¹ Estaremos aqui aprofundando pontos levantados em *Ritmo y tono en Tikuna*, comunicação apresentada, em 18 de novembro de 1994, nas II Jornadas de Lingüística Aborigen, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. O presente trabalho e o que acabamos de mencionar exploram idéias contidas em *Elementos para uma relação entre ritmo e tom em Tikuna*, relatório apresentado ao CNRS em julho de 1994.

Para alcançar aquilo que colocamos como nosso objetivo, será necessário trazer aqui informações resumidas quanto a contrastes superficiais no nível da altura, quanto à atribuição tonal e processos implicando tons e, também, quanto ao que se observa no plano da duração em Tikuna.

Contrastes com base na altura. O esquema que apresentamos em (1) mostra as realizações dos tons alto e baixo em Tikuna. O tom alto tem como uma de suas realizações a altura (pitch) meio-alta e o tom baixo inclui entre as suas realizações a altura (pitch) meio-baixa. Em (2), pode-se observar que o contraste entre os tons alto e baixo se dá tanto em sílaba longa como em sílaba breve.

(1)

a. tom alto (A): [˥] (altura meio-alta)

b. tom baixo (B): [˩] (altura meio-baixa)

(2) Contraste entre A e B:

a. $\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{na} \quad \text{dao} \end{array}$ 'ele está maduro'

3p - vermelho, maduro

$\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{na} \quad \text{dao} \end{array}$ 'ele vê'

3p - ver

b. $\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{ta} \quad \text{ma} \end{array}$ 'objeto de barro utilizado para cozinhar'

$\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{ta} \quad \text{ma} \end{array}$ 'não'

Um possível contraste entre tom baixo (B) e um possível tom médio (M) – realizado como altura média – pode ser encontrado em sílaba longa e em sílaba breve. Veja-se (3b) e (3c):

(3)

a. Possível tom médio: [˨]

$\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{t} \quad \text{a} \quad \text{n} \quad \text{a} \quad \text{m} \quad \text{o} \end{array}$

b. $\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{t} \quad \text{a} \quad \text{n} \quad \text{a} \quad \text{m} \quad \text{o} \end{array}$ 'eu o teço'

1ps-objeto interno-tecer

$\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{t} \quad \text{a} \quad \text{n} \quad \text{a} \quad \text{m} \quad \text{o} \end{array}$

b. $\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{t} \quad \text{a} \quad \text{n} \quad \text{a} \quad \text{m} \quad \text{o} \end{array}$ 'eu o envio'

1ps - objeto interno - enviar

c. $\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{pa} \quad \text{ma} \end{array}$ 'ingá'

$\begin{array}{c} \text{˥} \quad \text{˥} \\ \text{˩} \quad \text{˩} \\ \text{ta} \quad \text{ma} \end{array}$ 'não'

Com referência aos níveis extremos de altura apresentados em (1), os mesmos podem ser vistos como os respectivos casos condicionados dos já mencionados tons alto e baixo. Por exemplo, considerando o que está em (4a), vê-se que, ao estar precedida de oclusão glotal na mesma sílaba, uma vogal associada a tom alto porta altura alta. Do mesmo modo, seguida de oclusão glotal ao final de sílaba, uma vogal associada a tom baixo porta nível de altura baixo, como em (4b) ou como em (4c) – ainda que, nesse último caso, o possível elemento condicionador (a oclusão glotal) não se manifeste na superfície.

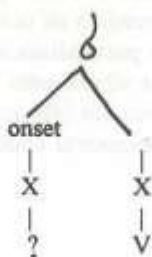
(4)
 a. [baʔi] 'pai' (e não baʔi 'pai')
 [dɛʔa] 'água'

b. [tɕʔ] 'macaco da noite'
 (cf. [tɕ] 'outro')

c. tʃanamɔ̃ 'eu como fruta fresca'
 1p - obj. interno - comer [fruta fresca]

A participação da oclusão glotal nas alterações observadas em (4) não se restringe à obtenção do nível mais alto de altura, nem à obtenção daquele que é o mais baixo nível de altura. De acordo com nossos dados, a oclusão glotal no início de sílaba eleva o nível de realização do tom da vogal à sua direita; já em final de sílaba, a oclusão glotal não só abaixa o tom portado pela vogal precedente, mas também é capaz de afetar essa vogal, laringalizando-a. A expressão formal da elevação de tom que acabamos de mencionar pode ser encontrada em (5a). Há ainda os fatos de (4b, c) e o de (5b): abaixamento de tom e laringalização.

(5)
 a. tom → tom /
 x x+1



b. naka 'por ele' (cf. naka 'fígado dele')
 3p por 3p - fígado

Em outro trabalho que apresentaremos ainda neste seminário,² poderemos discutir se é viável formular, para dados como os que estão em (4b, c) e (5b), um par de regras tal como se vê em (5c) e (5d).

(5)
 c. $V \rightarrow \underset{\sim}{V} / \begin{matrix} \delta \\ \delta \end{matrix}$
 d. $\text{tom}_x \rightarrow \text{tom}_{x-1} / \begin{matrix} \delta \\ \underset{\sim}{V} \end{matrix}$

Neste momento, diremos apenas que, causando sobre o plano da altura efeitos vinculados à sua posição prosódica no interior da sílaba, a oclusão glotal, ao elevar ou abaixar o tom de uma vogal contígua, é um dos fatores que contribuem para a derivação de níveis de altura, entre os quais se encontram os níveis extremos.

Atribuição tonal. Montes (1987) é um trabalho que traz informações sobre o Tikuna falado em uma área da Colômbia (Amacayacu). Em Montes (1987: 65) se lê que, aparentemente, a associação tonal em Tikuna se pode fazer da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. Isso é o que se pode observar em (6), onde reproduzimos esquemas tonais que, apresentados por Montes, sustentariam a atribuição tonal bidirecionada. Devemos assinalar que os itens lexicais que Montes apresenta como vinculados a tais esquemas não são os mesmos.

(6)
 2 | 3 e 2 | 3
 | | | |
 x x x x x x

Trabalhando naquele momento sobre um corpus reduzido que obtive a partir de quadros de substituição (aos quais chama contextos) e sem lidar com informações provenientes da morfologia e da sintaxe, Montes afirma que seria necessário conhecer as alterações que ocorrem em outros contextos.

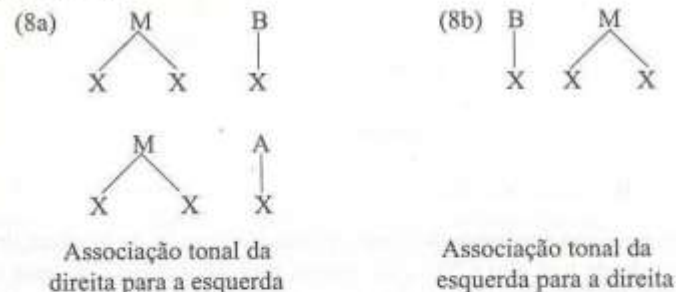
² O trabalho em questão é 'Aspectos lineares e não-lineares de processos fonológicos em línguas indígenas brasileiras'.

No que diz respeito à nossa própria investigação – realizada com informantes provenientes de quatro grandes aldeias Tikuna situadas no Brasil –, a preocupação não foi a de trabalhar a partir de quadros de substituição. Se, por um lado, utilizamos listas de palavras e questionários com falantes nativos como provedores de dados (informantes), por outro lado, preocupamo-nos em alcançar uma participação ativa dos falantes nativos, seja em relação aos textos produzidos ou em relação a formas da língua.³ No caso específico dos itens lexicais, a classificação da altura neles presente foi em diversos momentos realizada pelos próprios falantes nativos, que, a partir de uma flauta de Pã por eles mesmos construída, chegaram a uma representação dos níveis de altura com que se realizam itens lexicais. Os dados presentes em (7a) e (7b), que são constituídos de itens lexicais tidos como monomorfêmicos, resultam, por exemplo, de uma participação efetiva dos falantes na classificação da altura.⁴

- (7)
- | | | |
|-----------|---|--------------------------------|
| a. pucüre | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | 'murapiranga (tipo de árvore)' |
| pocuri | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | 'bacuri (tipo de fruta)' |
| pacara | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | 'cesto com tampa' |
| moreru | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | 'planta que está na água' |
| orawe | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | 'barata' |
| cõiri | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | 'bambu' |
| b. purinü | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | (sem tradução) |

- | | | |
|-----------|---|------------------------|
| c. beratü | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | 'abelha (grande)' |
| dʒi | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | 'jurití (tipo de ave)' |
| ʔtsana | $\begin{array}{c} \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \\ \text{┆} \text{┆} \text{┆} \end{array}$ | 'bebê' |

Levando em conta que os itens lexicais em (7a) e (7b) são monomorfêmicos e vendo a representação fonética como fornecedora de matéria prima para a teoria fonológica, a constatação mais imediata que se pode fazer é que os dados em (7a), aparentemente, sustentam a existência de associação tonal da direita para a esquerda, enquanto o único dado de (7b) indica uma possível associação tonal da esquerda para a direita. Já os dados em (7c) – transcritos sem a participação do falante nativo – aparentemente confirmam, por sua vez, as possibilidades de associação tonal indicadas em (7a) e (7b). Tais possibilidades se encontram esquematizadas em (8a) e (8b), respectivamente:



Entretanto, a aparência de associação tonal bidirecional desaparece diante do fato de não terem sido encontradas, para itens lexicais como os que estão em (7a) e (7b), realizações alternativas fundadas em esquemas tonais resultantes da indeterminação da direção da associação tonal. Por exemplo, para o item lexical referente a 'cesto com tampa', temos o que está em (9a) e não temos o que está em (9b). Da mesma maneira, para o item lexical referente a 'barata', temos o que está em (9c) e não temos o que se observa em (9d):

³ Para uma visão da participação do falante nativo em nosso trabalho, ver Soares (1991) e Soares (1995, nota 10).

⁴ Na coluna mais à esquerda, os dados aparecem representados na escrita Tikuna.

(9)

a. pakaɬa

↑ ↑ ↑

c. ɬaβɛ

↑ ↑ ↑

b. *pakaɬa

↑ ↑ ↑

d. *ɬaβɛ

↑ ↑ ↑

Uma maneira de solucionar o problema da associação tonal em Tikuna e, ao mesmo tempo, de evitar os efeitos indesejáveis da indeterminação na atribuição tonal bidirecional, é admitir a hipótese da pré-associação tonal no léxico. A admissão dessa hipótese faria corresponder aos itens de (7a) e (7b) as representações subjacentes observadas em (10a) e (10b), nas quais um segmento vocálico está associado a um tom alto ou baixo. Nessas representações, poder-se-ia omitir o tom médio, passível de ser inserido posteriormente através de uma regra *default*. O confronto entre tais representações e as realizações que a elas correspondem na superfície mostram que os tons alto e baixo não se propagam automaticamente em Tikuna. Como esse parece ser o caso e como outros dados

(10)

a. puk+re pakara orawe

 | | |

 B A B

'murapiranga' 'cesto com tampa' 'barata'

b. pur+n+ (sem tradução)

 |

 B

podem ter a sua configuração tonal organizada a partir da hipótese de pré-associação de tom alto e baixo no léxico, prosseguiremos com essa nossa hipótese. Fica ainda, com relação a essa mesma hipótese, o registro de que ela permite que seqüências monomorfêmicas de mais de uma sílaba possam ter pré-associados no léxico, simultaneamente, os tons alto e baixo.

Restrições e processos implicando tons. No que se refere ao plano tonal, é necessário que se façam ainda outras observações. A primeira delas é que a língua evita, no interior de uma palavra, seqüências trissilábicas associadas a um mesmo tom, quando esse tom não é médio. Uma forma de expressar essa restrição estaria em se ter um filtro que atua no léxico e inspeciona a constituição da palavra durante seus estágios não-finais de formação. Algo como (11a):

(11)

a. *

V V V

 | | |

 α T

Como o tom médio não se encontra na representação lexical, sendo inserido por default ao final da derivação, seqüências trissilábicas portadoras de tom médio podem-se manifestar na superfície – como bem o de-

(11)

b. [tɔtɔnã] 'tipo de pássaro'

 ↑ ↑ ↑

c. [k+tsana] 'coruja'

 ↑ ↑ ↑

 - - -

monstram os dados em (11b) e (11c):

Uma outra observação é que a interpretação do tom médio como não-especificado se vê favorecida pelo fato de que atuam na língua processos que, implicando tons, pressupõem contigüidade no plano tonal e, por conseguinte, a transparência em termos tonais das sílabas que intervem entre o que é alvo e fonte.

Os processos em questão envolvem, em Tikuna, dissimilação tonal que, em termos lineares, pode ser expressa como está em (12a):

(12) a. $\alpha T \rightarrow -\alpha T / \alpha T$

Em termos não-lineares, a expressão da dissimilação tonal pode-se dar através do desligamento do tom alvo com a conseqüente inserção do tom oposto ao do tom fonte. Sem entrar, neste instante, na questão da expressão linear ou não da dissimilação tonal, importa ressaltar que a dissimilação tonal é a resposta que a língua dá para evitar seqüências de tons adjacentes idênticos, ou seja, a dissimilação tonal é uma resposta ao OCP, que proíbe, na camada tonal, a existência de (12)b:

(12) b. $[\alpha T][\alpha T]$

Exemplos do que estamos dizendo podem ser observados nos dados que constam do restante de (12). Em (12c), na seqüência referente a 'eu estou indo', se tem a presença do morfema de aspecto, que porta na superfície nível de altura meio-alto, nível esse – ao que tudo indica – não-condicionado: não há aí possibilidade de se considerar que esse nível de altura

seja fruto da influência exercida pelo tom médio presente no prefixo sub-jetivo de 1ª pessoa e na única vogal da raiz.

Sem possibilidade de previsão, a altura meio-alta portada pelo morfema de aspecto pode ser considerada a realização de tom basicamente alto:

(12c) ... 

aspecto - 1p -

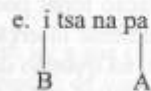
Em (12d), o morfema de aspecto (que basicamente pode ser tido como associado a tom alto) é objeto de um processo de dissimilação tonal, processo que leva ao aparecimento de tom cuja realização se dá em nível de altura oposto ao do tom adjacente, havendo uma preferência pela máxima diferenciação tonal, isto é: os tons envolvidos ficam não somente em nível oposto, mas há também uma preferência pela extremidade em um dado nível quando o processo envolve tom associado à vogal de sílaba alinhada com o fim ou o início da palavra morfológica. No caso de (12d), havendo um processo de dissimilação tonal, obtém-se (12e); e somente depois disso é que, por inserção default, aparece o tom médio, que irá se fazer presente na representação superficial (cf. 12f). Se o tom médio já estivesse presente na representação lexical, tal processo não poderia ser otimamente expresso:

(12)

d. i-tsa-na-pa aspecto - Ips - objeto interno-secar



'eu o seco'

e. i tsa na pa


Um possível problema para se considerar a existência de um processo de dissimilação tonal em dados como (12d) está na concepção de adjacência que sustenta o processo, já que a dissimilação deverá operar entre tons adjacentes.

Fatos específicos de outras línguas já levaram alguns analistas a propor uma noção de adjacência estrutural com possível validade universal. Entre tais fatos estão, por exemplo, os vários casos dos efeitos da regra de Meeussen em línguas Bantu. Essa é uma regra que envolve o apagamento

de tom alto associado à próxima sílaba, e nunca o apagamento do próximo tom alto na camada tonal. A formulação da regra de Meeussen para dialetos centrais da língua Shona pode ser vista em Meyers (1987: 198). Nós a mostramos aqui em (13):

(13) Regra de Meeussen

A → Ø / A — (domínio: palavra fonológica)

A regra em (13) poderá ser aplicada ao dado em (14), do dialeto Zzeru, e não poderá ser aplicada ao dado em (15) pertencente ao mesmo dialeto, tendo em vista que os dois tons altos em (15) não são adjacentes.

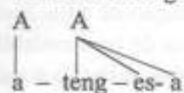
(14)

v - á - teng - es - a

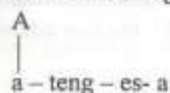
(3p. pl. - passado) - (comprar - caus - vogal final)

'eles venderam (hoje)

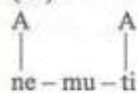
Palavra fonológica: input



Palavra fonológica: regra de Meeussen



(15)



(('com' - (3) - ('medicina')) 'com medicina'

(némuti, cf. *némuti)

A não-adjacência dos dois tons altos em (15) se deve a uma concepção estrita de adjacência. De acordo com essa concepção: 1º) são adjacentes aqueles tons que se encontram associados a sílabas adjacentes, isto é, a unidades portadoras de tom adjacentes (como mostram os esquemas em (16)); 2º) é adjacente aquele par de tons em que pelo menos um dos dois não está associado, sendo a adjacência entre um e outro definida na camada a que ambos pertencem (como se vê esquematicamente em (17)):

(16)



(unidades portadoras de tom)

caminho apontado poderia ser o da reinterpretação das linhas de associação, pela qual não seriam mais três sílabas associadas a um único tom baixo, mas sim duas sílabas associadas a um tom baixo e uma sílaba associada também a um tom baixo.⁷ Não dispomos, até o momento, de dados que nos indiquem que essa última sílaba seja aquela mais à esquerda. A partir dos dados de que dispomos, o que podemos dizer é que as indicações vão no sentido de que é a sílaba coincidente com a raiz (aquela mais à direita e mais internamente localizada em termos de constituição da palavra) que será tomada como base para a reinterpretação em foco: será ela a contar com uma linha própria de associação. Sendo assim, o resultado da reinterpretação das linhas de associação nos dará algo como (20d). Aí está presente uma violação ao OCP, a que a língua responde com um processo de dissimilação tonal – o tom baixo da raiz se realiza com o mais alto nível de altura (ma').

- (20)
- a. ci⁵ ya⁵ ma¹? 'eu mato'
(ca3-, ci3- 'pronome subjetivo interno de 1ª pessoa';
cf. Lowe 1960c: 7)
- b. ci-ya-ma?
|
B
- c. ci-ya-ma? Propagação tonal
| |
B B
- d. ci-ya-ma? Reinterpretação das linhas de associação;
| | violação ao OCP
B B
- e. ci-ya-ma? Dissimilação tonal
| |
B A

A compatibilidade do filtro em (11a) com processos de propagação e dissimilação tonal revela um aspecto de interação entre o OCP e processos tonais que atuam na língua. As violações ao OCP são visualizadas na camada tonal. As propagações tonais levam em conta a extensão silábica e

⁷ Uma possível solução alternativa para esse caso seria considerar que, uma vez ultrapassado o limite de três sílabas associadas a um mesmo tom, ter-se-ia o desligamento de um dos ramos de extremidade com a conseqüente inserção do tom oposto. A diferença entre essa solução e a da reinterpretação das linhas de associação está em que esta não necessitaria alcançar, como aquela, apenas as linhas de associação de extremidades, podendo ter repercussões mais amplas sobre o sistema tonal. Não temos, no momento, elementos para optar por uma ou outra solução.

uma reparação ao que seria uma violação a essa extensão pode trazer à cena o OCP, que fornece o contexto para a atuação do processo de dissimilação tonal. Como observação final referente à interação entre o OCP e processos tonais, fica aqui o registro de que, quando o próprio caminho da dissimilação tonal pode levar a um efeito indesejável, o OCP tem a possibilidade de realizar a fusão de dois tons idênticos. Isso é o que acontece no exemplo mostrado em (2a) e abaixo repetido como (21):

- (21)
- ┌ ┌
nā dāw 'ele está maduro' /na-dau/
└ └
3p - vermelho, maduro A A

Um processo de dissimilação tonal bidirecional na forma referente a 'ele está maduro' poderia levar à obtenção de uma forma imperativa agramatical (vista em 22) ou a uma identidade com a forma referente a 'ele vê', também presente em (2a) e representada abaixo em (22). Não havendo a intervenção de nenhuma regra para modificar a seqüência [α Tom] [α Tom], as duas especificações de tom alto em (21) são fundidas em uma única especificação, tal como se vê em (23):

- (22)
- a. *nada α o 'fique maduro'
vermelho maduro
- b. nādāw 'ele vê'
3p - ver
- (23) na-dau 'ele está maduro'
A

Duração: De acordo com Soares (1992a), a duração longa do núcleo silábico constituído por segmento vocálico deve ser derivada por regra. Em (24), há exemplos de duração longa obtida mediante uma regra que faz da sílaba mais à esquerda de uma raiz a portadora do acento, sendo o acento interpretado como duração longa.

- (24)
- dz̄ ʔi 'herói mítico' k̄ ʔ n̄ wā 'tipo de árvore'
- t̄ ʔ ʔ t̄ 'igarapé Preto' t̄ ʔ ʔ 'eu me criei'
- ok̄ ʔ ʔ 'conselho' ʔ ʔ ʔ
lp.s. criar

/i/ /t+/ /ma/ /t+/

| | | |

A A B A

a. it+ma+ (representação resultante da constituição da palavra)

| | | |

AA BA

b. it+ma+ (dissimilação tonal por respeito ao OCP; direção: esquerda-direita)

| | | |

AB BA

c. it+ma+ (dissimilação tonal por respeito ao OCP; direção: esquerda-direita)

| | | |

AB AA

d. it+ma+ (dissimilação tonal por respeito ao OCP; direção: esquerda-direita)

| | | |

AB AB

(28)

┌┐ ┌┐

└┘ └┘

[inaɬ+tsɔ] aspecto - 3p - y - raiz 'eles ficaram'

a. i na ɬ+tso (representação resultante da constituição da palavra; violações ao OCP)

| | |

A A A

b. i na ɬ+ tso (opção da língua pela máxima diferenciação tonal no limite direito da palavra)*

| | |

A A A+

c. i na ɬ+ tso (dissimilação do tom do morfema de aspecto devido ao tom do morfema de 3ª pessoa)

| | |

B A A+

d. i na ɬ+ tso (inserção de tom médio-default)

| | | |

B A M A+

Os processos tonais presentes em (27) e (28), bem como a não-especificação do tom médio em (28), ajudam a construir uma alternância no plano tonal que entra em sintonia com os espaços rítmicos criados pela duração. A existência dessa sintonia poderia ser explicada pelas restrições que, afetando os tons, implicam uma extensão silábica mínima e eliminam – em função do OCP – identidades adjacentes, seja no léxico, seja no curso da derivação. Finalizando, diremos que as restrições e os processos tonais participam da construção do ritmo em Tikuna, visto que ajudam a construir a regulação binária na linha métrica mais baixa (a linha do pé básico). Tal participação faz com que altura, conjugada, à duração, possa ser vista como possuidora de uso acentual – mesmo que a língua seja tonal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, L. (1959) Ticuna vonds with special regard to the systems of five tones. *Série Linguística 1. Publicações Avulsas do Museu Nacional*. Rio de Janeiro.
- _____. The structure and distribution of Ticuna independent clauses. *Linguistics*, 20: 5-30.
- GOLDSMITH, J. (1984). Tone and accent in Tonga. In: CLEMENTS, G. N. and GOLDSMITH, J. (eds). 1984. *Autosegmental studies in Bantu tone*. Dordrecht, Foris Publications.
- HALLE, M. & J. R. VERGNAUD (1987). *An essay on stress*. Cambridge, London. The MIT Press.
- HAYES, B. (1991). *Metrical stress theory. Principles and case studies*. Draft. UCLA.
- LOWE, I. (1960a). Tikuna phonemics. Ms, SIL. Arquivo do Setor de Linguística. Museu Nacional, UFRJ.
- _____. (1960b). Tikuna noun and verb morphology. Ms, SIL. Arquivo do Setor de Linguística. Museu Nacional, UFRJ.
- _____. (1960c). A preliminary survey of Tikuna syntax. Ms, SIL. Arquivo do Setor de Linguística. Museu Nacional, UFRJ.
- McCARTHY, J. J. (1986). OCP effects: gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*. 2. vol. 17, 207-263.
- _____. (1988). "Feature geometry and dependency: a review". *Phonetica*. 43. 84-108.
- MOIRA, Y. (1988). The Obligatory Contour Principle and phonological rules: a loss of identity. *Linguistic Inquiry*. 19. 65-100.
- MONTES, E. (1987). Vers une tonologie de la langue Tikuna. Mémoire de D.E.A. Département de Linguistique. Université de Paris VII.

* O caminho da dissimilação tonal entre o tom da raiz e o indicador de 3ª pessoa levaria, se seguido, à constituição de uma seqüência tonal ABA – não problemática do ponto de vista da alternância tonal. Esse caminho não foi seguido e não sabemos se esse fato se deve a um possível efeito indesejável vinculado ao tom basicamente portado pelo marcador de pessoa em questão.

- MYERS, S. (1987). Tone and the structure of words in Shona. Amherst, University of Massachusetts. Ph.D. dissertation.
- ODDEN, D. (1986). On the role of the Obligatory Contour Principle in phonological theory. *Language*. 62. 353-383.
- PULLEYBLANK, D. (1986). Tone in lexical phonology. Dordrecht, D. Reidel.
- SOARES, M.F. (1984). Traços acústicos das vogais em Tikuna. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. 7. 157-175. UNICAMP, Campinas.
- _____. (1986). Alguns processos fonológicos em Tikuna. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. 10. 97-138. UNICAMP, Campinas.
- _____. (1990). Marcação de caso e atribuição de Caso em Tikuna. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. 18. 79-114. UNICAMP, Campinas.
- _____. (1991). Aspectos suprasegmentais e discurso em Tikuna. In: ORLANDI, E. (ed.) *Discurso indígena. A materialidade da língua e o movimento da identidade*. Editora da UNICAMP, Campinas.
- _____. (1992a). O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica. Vol. I: Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna. Vol. II: Ritmo. Tese de doutorado, UNICAMP.
- _____. (1992b). Ordem de palavra: primeiros passos para uma relação entre som, forma e estrutura em Tikuna. *Ameríndia*. 17. 89-118. A.E.A., Paris.
- _____. (1993). Arquivo de morfemas. Dicionário (fragmento). Ms, Relatório ao CNPq. Arquivo do Setor de Lingüística. Museu Nacional/UFRJ.
- _____. (1995). Núcleo e coda. A sílaba em Tikuna. In: WETZELS, L. (org.) *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- _____. (A aparecer). A proposal for dictionarization of an Indian language. In: KRIEGER, M. G. (org.) Número especial da revista *META*, Journal des Traducteurs/Translators Journal. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.